

**Nossas vozes vêm de longe:
movimentos das mulheres negras da Bahia na MPB contemporânea**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIO

SIMPÓSIO: ST-5 Música e pensamento afro diaspórico

Mariela da Silva Santiago Laban

Instituição

UFBA

E-mail

[*mariellasantiago@gmail.com*](mailto:mariellasantiago@gmail.com)

Resumo: O presente trabalho acerca-se de um conjunto de obras de artistas negras da Bahia, dedicadas ao gênero MPB, em suas vertentes contemporâneas, lançados entre 2013 e 2023. Por um lado, lança um olhar sobre o território, lugar de pertencimento e inspiração das artistas; seu contexto histórico e conjuntura sociopolítica. A análise dos fonogramas observa semelhanças entre suas obras, do ponto de vista literomusical, observando os temas abordados nas letras das canções, assim como a recorrência de elementos musicais, buscando tipificar a produção dessas artistas enquanto segmento afrocentrado da MPB. As análises partem da apreciação das letras das canções e da escuta dos fonogramas. Do ponto de vista teórico e metodológico, o estudo possui caráter etnográfico e autoetnográfico, orientado por epistemologias feministas negras e decoloniais, além de contar com o aporte de escritos da etnomusicologia e da historiografia musical, entre outras contribuições interdisciplinares.

Palavras-chave. MPB, compositoras negras, música afrodiaspórica, cultura baiana

Abstract: The present study deals with a set of music works by four female bahian black artists of contemporary Brazilian song, MPB. It aims to offer a broad view on the artists original territory - its cultural, social, and political conjuncture, as to search for similarities amongst their works, from both literary and musical points of view. To proceed we examine the themes portrayed by the lyrics, as well as the musical elements featured in their songs, in order to characterize this set of productions as an afro oriented segment of the MPB genre, performed by female black artists. From the methodological point of view, the study has an ethnographic approach, guided by the contribution of black feminist studies, etnomusicology and music history writings in the field, as well as by the authors autoethnographic impressions on the matter. A digital app was used to separate the audio tracks of each song and therefore facilitate their examination.

Keywords: Brazilian song, black female songwriters, racism, music in african diaspora

Nossas vozes vêm de longe: movimento das mulheres negras da Bahia na MPB Contemporânea

A Música Popular Brasileira, seja enquanto processo de sedimentação ou produto da indústria cultural, tem na musicalidade gestada no estado da Bahia – território de maior presença negra no Brasil – um dos principais componentes de sua fundação. Sua capital, Salvador, foi contemplada pela Unesco com o título de Cidade da Música (UNESCO, 2021), por duas gestões consecutivas. Reconhecimento que se deve, entre outros fatores, à influência secular de artistas originários desse território, designados de “bairianos”, no cenário musical nacional, a começar pelos autores do primeiro fonograma produzido no país⁵.

A despeito de ocupar tal lugar destacado no cenário musical nacional, nos últimos 12 anos, mais de dez cantoras negras pertencentes ao grupo observado deixaram a cidade de Salvador rumo às capitais da *Região Concentrada* (SANTOS; SILVEIRA, 2006), em especial São Paulo. A pesquisa inclui, por um lado, artistas que migraram para a Região Concentrada. Por outro, as que permanecem e continuam residindo e produzindo música em seus territórios de origem, apesar de se apresentarem em outras cidades.

O panorama atual apresenta intensificação dos agenciamentos no campo, manifestada pelo crescente número de intérpretes negras e afro indígenas que despontam no cenário cultural midiático, assim como pelo surgimento de iniciativas locais dedicadas a produtores musicais negros e negras. Um bom exemplo da velocidade que tem dominado as ações neste campo, é a recente nomeação da cantora Margareth Menezes para Ministra da Cultura. Artista reconhecida internacionalmente, ela se mantém há mais de 3 décadas como a voz feminina negra mais relevante do cenário local - a única a possuir uma carreira consolidada, com reconhecimento nacional e internacional, na cena da world music. A despeito de tal notoriedade, ao longo da carreira, a artista por diversas vezes declarou ter enfrentado dificuldades em obter financiamento para seus projetos artísticos e se manifestou sobre a disparidade dos cachês pagos por suas apresentações, em comparação às possibilidades e à remuneração conferidas a cantoras não negras. Em entrevista durante o período pandêmico, a artista assinala:

A Bahia é um lugar de muito racismo estrutural, muito mesmo, dos blocos de Carnaval, dos grandes empresários. Os da indústria do axé music são todos brancos e sempre privilegiaram esse lugar, infelizmente. Então, até os grandes blocos afros daqui, o Olodum, Ilê Aiyê, têm dificuldade para ter patrocínio. É como se não tivessem valor. Mas a música que faz sucesso, que tem a estética da Bahia, é a trazida pelo povo negro daqui. MENEZES, Margareth. Em UOL/Universa/Reportagens especiais. 23/08/2021.

Uma narrativa que poderia ter como ponto de partida simbólico, o momento em que Carmem Miranda, influenciada pela presença das mulheres negras que migraram da Bahia para o Rio de Janeiro no início do século 20, incorporou à sua identidade artística o traje típico e os trejeitos da “baiana”, termo que àquela altura (e ainda hoje) pode designar tanto a naturalidade de alguém originário do estado da Bahia, quanto um tipo social, presente na dramaturgia das comédias musicais que estreavam na cidade, entre os anos de 1920-1930.

As baianas emigraram para a antiga capital da República no período após a abolição da escravidão, (PEIXOTO, 1947; MOURA, 1995) em busca de melhores oportunidades. Mulheres da cultura, integradas ao fazer musical, que participam da criação de um novo status sociocultural, alternativo ao que lhes era delimitado pela elite. Trata-se de pioneiras. Seja em seus territórios de origem, como “sambadeiras”, no Recôncavo baiano (SANTANNA, QUEIROZ, DORING; 2016; GOMES; ROSA, 2015).

É necessário reiterar que, o presente estudo, acerca-se da produção de mulheres negras no cenário local - Salvador-Bahia - dedicadas ao gênero MPB. Sigla que, apesar de corresponder de imediato ao enunciado Música Popular Brasileira, refere-se a uma construção sociocultural, estruturada em padrões de classe, raça e regionais elitistas, que apresentou nos últimos 50 anos pouca transformação quanto ao fenótipo e a região de procedência dos seus ícones femininos. Um círculo tradicionalmente tutelado por empresários e figuras de autoridade em sua maioria masculinas (no caso dos compositores e críticos) e por mulheres não negras (no caso das intérpretes e compositoras) da Região Concentrada (SANTOS; SILVEIRA, 2006).

A ocorrência de precarização laboral e invisibilidade midiática das artistas negras da música foi analisado por Werneck (2017), no contexto das matriarcas do Samba, no Rio de Janeiro. A racialização e discriminação de gênero e regional no campo musical, manifestou efeitos ainda mais perversos no Norte e Nordeste do país, sendo que a literatura produzida sobre o tema nessas regiões ainda é escassa. Mesmo no Samba, gênero musical que, segundo boa parte da historiografia dedicada ao tema, originou-se na Bahia, ainda denominado *Batuque* (DORING, 2004), apenas em 2013 o país assistiu a ascensão de uma artista baiana - e negra- a cantora Mariene de Castro. A despeito do desenvolvimento progressivo do meio técnico informacional da região Nordeste e da cidade de Salvador em particular, que há décadas conta com recursos tecnológicos e expertise local para a produção musical. Proficiência que vem servindo ao mercado desde a *axé music*, porém não tem estado ao alcance dessas artistas negras.

Axé music é um gênero musical festivo surgido na Bahia, mais especificamente em sua capital, Salvador, nos anos de 1980. Até o início dos anos 1990, o estilo figurava a presença de cantoras negras, até alcançar a exclusão quase total dessas artistas - não fosse pela representatividade de Margareth Menezes. No entanto, nos últimos 10 anos e de forma ainda mais pronunciada a partir de 2015, intérpretes e compositoras negras e afroindígenas do Nordeste brasileiro têm se destacado, rompendo um estado de silenciamento seletivo, que opera, na cidade de Salvador da Bahia, pelas mãos dos poderes municipais e da iniciativa privada conjugadas. Verifica-se, neste particular um movimento das cantoras e compositoras negras baianas que debutam com álbuns autorais, sem aderir a formas estereotipadas. Assumem suas interioridades e exterioridades de forma politizada, integrando-as à estética de sua musicalidade.

A maior distinção ou talvez a mais perceptível entre a produção dessas artistas e o que se tem produzido no cenário local no período, reside na natureza das composições que produzem ou integram aos seus repertórios: “Suas canções trazem em comum temas como o combate ao racismo e ao genocídio da população negra, a religiosidade do candomblé e vivências do campo afetivo, permeadas pelas matrizes conceituais do feminismo negro (ou do movimento de mulheres negras, como preferem algumas autoras)” (LABAN, Santiago 2022), em contraste com as letras sexistas produzidas por um mainstream masculino, que objetificam as mulheres. A disseminação do cancionário fanfarrão e sexista se dá em um território onde mulheres constituem força produtiva que sustenta economicamente 48% dos lares da cidade (CENSO 2021), entre elas, mulheres negras e pardas formam maioria.

Seja no som dos paredões de fim semana, nos potentes auto falantes instalados no bagageiro dos automóveis (BRITO;LEVY, 2017), (CORREIO, 2021), nas emissoras de rádio ou em dispositivos moveis, a ecologia sonora nas noites das comunidades soteropolitanas é dominada por vozes masculinas que, salvo raras exceções, entoam em graves distorcidos refrões repetitivos, cuja tônica é a hipersexualização e a redução da mulher a objeto das fantasias heterossexuais masculinas. Práticas literomusicais que, segundo foi observado por (ROSA, 2017, PINHEIRO, 2015) além de expor mulheres, em sua maioria negras, à violência simbólica desde a infância, concorrem para o aumento da violência física contra essas mulheres, ao propagarem o que as autoras identificam como uma “cultura do feminicídio.

A prática de capturar, distorcer e sequenciar fragmentos da voz feminina para compor uma espécie de refrão é frequente em tais produções, como se verifica no single “De quatro”(UH GUETO, 2023), e emblemática. Revela o lugar funcional da voz feminina na composição de um produto popular, de alta circulação, que deve grande parte do seu sucesso comercial à omissão de agentes políticos que parecem se beneficiar do diversionismo de baixo custo e de alta intensidade, ainda que tal atividade seja apontada em trabalhos científicos como perniciosa para o grupo que constitui maioria da população local e das regiões vizinhas. O volume de som e o horário dos eventos também ultrapassam os decibéis e o tempo permitidos pela - LEI Nº 5354/98 – apelidada de “Lei do silêncio”, que “Dispõe sobre os sons urbanos, fixa níveis e horários em que será permitida sua emissão, cria a licença para utilização sonora e dá outras providências”(SALVADOR,1998). A problemática envolve questões do Racismo ambiental na cidade, tal como discutida em Santana (2021), onde se verifica ausência do poder público e presença excessiva do seu aparelho repressor, além do tratamento diferenciado com relação ao cumprimento das leis, entre bairros nobres e os das regiões de habitação popular.

Nesse contexto, a natureza do trabalho das compositoras negras da Bahia e do Recôncavo baiano que debutam com álbuns autorais a partir de 2010, inscreve-se no horizonte dos esforços de emancipação político-social e de resistência às “formas de representação estereotipadas do negro”, às quais se refere Conceição, sobretudo da mulher negra e mesmo do território Salvador-Bahia.

Na visão do presente estudo, a emergência dessas artistas e, em alguma medida, a consolidação de suas carreiras no cenário cultural midiático, é parte de um processo continuado de resistência estético política, que tem início em finais dos anos 1970, quando a música dos blocos afro emerge dos bairros periféricos de Salvador, como canção de protesto, denunciando a violência do racismo (LABAN, 2022) que, na sociedade baiana, se manifesta em arranjos onde as elites têm imposto “a definição de mundo social mais conforme aos seus interesses” (LABAN, 2022, apud BOURDIEU, 1989, p.11). Não sem a mão direita dos seus conglomerados de mídia.

Convergências Recôncavas

Canções como Cabô (LUNA, 2018), Povoada, de Suede Nunes (2021), Ella (LABAN, MS, 2014) se manifestam no campo das canções afirmativas e de protesto, em tom afro centrado. A presença marcante do contrabaixo e dos padrões percussivos de matrizes africanas presentes na Bahia, assim como a temática religiosa, com elegias às divindades do panteão candomblecista e da umbanda, é constante. Contribui para a afirmação da diversidade

religiosa, frente à opressão neopentecostal que impera nos bairros populares, onde terreiros de candomblé são invadidos, têm seu patrimônio devassado e dilapidado. Matizes ancestrais que se manifestam em roupagem por vezes afro futurista, com padrões rítmico melódicos sequenciados em loops. As canções Ogunté (MAJUR, 2021) Banho de Folha (LUNA 2018), Apará (LABAN, MS), dão exemplos dessa unidade poética. Tais composições contam ainda com a sonoridade do violão brasileiro, em padrões rítmicos que integram elementos do samba, funk e jazz, como na canção Nanã (JOSYARA, 2018). Entre os elementos presentes nessas composições, o violão brasileiro, assim como o estilo de interpretação despojado (natural) ainda que atento aos aspectos dicção e a afinação, além da economia de efeitos sonoros (delays, distorções) aplicados à voz, são os que mais caracterizam o grupo de canções analisados enquanto produções do gênero MPB.

O presente trabalho se inscreve no horizonte de estudos sobre música, e sobre a MPB, em particular, que compreende o gênero musical enquanto construção social. Na visão de Neder; Diniz (2000): (...) argumenta-se que tais sons, organizados em gêneros musicais, são discursos – processos de produção social de sentidos –, e, como tal, não apenas são mediados pelos discursos verbais, mas também os medeiam”. Como todo processo comunicacional, a definição do gênero musical é, portanto, permeada por marcadores identitários de gênero, raça e classe. A MPB, enquanto gênero, se construiu enquanto conceito definido a partir de marcadores determinados, que nem sempre correspondiam ao seu ideal inicial. Possibilidade que, segundo ULHÔA, fundamenta a “tentativa interdisciplinar de experimentar uma metodologia que possibilite ampliar a competência interpretativa para além dos significantes musicais mais óbvios e contaminados pelo senso comum”.

Essa perspectiva ampliada não impede a observação de padrões recorrentes, na música realizada por novas intérpretes e compositoras negras, seja na expressão vocal ou nos arranjos, os quais conferem às produções familiaridade com a MPB histórica, praticada até os anos de 1970. A estética vocal, a recorrência na utilização do piano elétrico Fender Rhodes, que marcou tantos sucessos, tais como “Madalena” (LINS; MONTEIRO, 1970), imortalizado por Elis Regina, e mesmo do piano acústico, reminiscência característica da música clássica, estão presentes em fonogramas lançados entre os anos de 2010 e 2023. Ela nos permite, no entanto, reconhecer que, do ponto de vista literomusical, o que ocorre com a chegada das novas agentes no campo musical é um enriquecimento e um enriquecimento do discurso, onde os elementos se manifestam pela voz de entes ligadas diretamente às matrizes poéticas, filosóficas e musicais que manifestam em suas composições e interpretações.

Do ponto de vista literário, registramos o conteúdo politizado que focaliza pautas dos movimentos sociais, como o movimento das mulheres negras, movimento negro, movimento das religiões de matrizes africanas, movimentos pela cultura popular do Nordeste, entre outros, confere o tom afrocentrado. Mesmo quando se trata de composições de outros autores, a seleção busca apropriar-se de um discurso que, uma vez pronunciado por elas, adquire outros sentidos e/ou favorece a ampliação de sentidos. É o caso de “Tereza” (CARLOS; JOCAFI, 1978) na voz de Xênia França.

O conjunto de canções analisadas sinaliza um marco na contribuição das mulheres negras para a canção brasileira produzida a partir de Salvador e do Recôncavo baiano, a despeito das condições desfavoráveis em que desponta, e do movimento migratório de muitas dessas artistas para a Região Concentrada. Contribuição que, graças ao progressivo aumento

TABELA 1 – quadro comparativo

ARTISTA	COMPOSITOR/A	TÍTULO	TÉCNICA e SONORIDADE VOCAL	RÍTMICA	ELEMENTOS HARMÔNICO -MELODICOS	LINKS
Xênia França	Antônio Carlos e Jocafr	Tereza Guerreira	Interpretação sóbria com vibrato moderado <i>voicings soulmusic</i> reverbe moderado efeito natural dicção apurada	Agere (dedicado a Orixá Iansã)	Piano Fender Rhodes contrabaixo minimalista no estilo samba	https://www.youtube.com/watch?v=8FsTjik7iMk
Xênia França	Theodoro Nagô	Preta Yayá	Interpretação sóbria com vibrato curto reverbe moderado efeito natural dicção apurada	Alujá (estilizado) dedicado ao Orixá Xangô	Violão acústico afro-brasileiro percussivo	https://www.youtube.com/watch?v=pRgl73KUFdo
Luedji Luna	Luedji Luna/ Emile Lapa	Um corpo no mundo	Interpretação sobria vibrato curto reverbe moderado efeito natural sotaque afro baiano região metropolitana/Salvador	Toque dedicado (ao Orixá Oxaguiã)	Violão elétrico afro-brasileiro (percussivo)	https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA
Sued Nunes	Sued Nunes	Reflexo	Interpretação exaltada de inspiração operística vibrato curto dicção apurada fonética com sotaque afro baiano região do recôncavo Baiano /Santo Amaro	Toque (dedicado a Orixá Ogun)	loops de guitarra integrados à percussão contrabaixo de inspiração reggae	https://www.youtube.com/watch?v=HRZE8nxohjI&list=OLAK5uy_meji8nra-gCK83Ed37q7R6amci4fkiIQw&index=8
Sued Nunes	Sued Nunes	Destino	Vibrato curto	Aguere para orixá	Contrabaixo e sopros de	https://www.y

			dicção apurada fonética com sotaque afro baiano região do Recôncavo Baiano (Santo Amaro)	Oxossi	inspiração reggae Piano Fender Rhodes	youtube.com/watch?v=Zl_eDmWxP0I
Mariella Santiago	Mariella Santiago	Danado na cor	Interpretação sóbria com vibrato simples <i>voicings</i> no estilo soul music reverb moderado efeito natural dicção apurada fonética com sotaque afro baiano - região metropolitana/Salvador	Aguere para orixá Iansã Samba de roda Samba - chula	Piano Fender Rhodes linha de baixo <i>soul/funk</i>	https://www.youtube.com/watch?v=C-TZHtr13zE
Mariella Santiago		Ella	Interpretação exaltada vibrato curtíssimo <i>voicings</i> no estilo <i>soulmusic</i> reverb moderado efeito natural sotaque afro baiano região metropolitana/Salvador	Ijexá funk	Piano acústico jazzístico contrabaixo em estilo <i>jazz/funk</i>	https://www.youtube.com/watch?v=wVW2Qz98Pbg
Josyara	Josyara	Nanã	vibrato curtíssimo timbre suave inspiração operística no refrão dicção apurada sotaque da norte baiana (Juazeiro)	Pop <i>soulmusic</i> padrão rítmico R&B com toque percussivo afro (ao violão)	Violão acústico afro brasileiro e jazzístico Percussão eletrônica em ostinato inspiração toques do candomblé	https://www.youtube.com/watch?v=vXtLQgKZico

da visibilidade dessas artistas nos últimos anos, começa a alcançar a juventude local, sobretudo jovens negras e negros de Salvador e Recôncavo baiano, em especial aqueles que frequentam universidades públicas, têm acesso a canais de tv entre outras mídias sob demanda e/ou encontram-se no raio das ações dos movimentos socio culturais de base.

Referências

A TARDE. *Salvador tem título de 'Cidade da Música' renovado pela Unesco*. Jornal A Tarde, terça-feira, 29 de setembro de 2020.

BRITO, Daniel; LEVY, Teles. Ao som dos paredões: Carros super equipados transformam a rotina dos finais de semana em Salvador. Revista Fraude, ano 14 | 2017 - nº15 - Salvador/Bahia. Disponível em: <https://www.revistafraude.ufba.br/materia.php?revista=15&materia=33> Acessado em: 24/09/2023.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Disponível em: http://lpeqi.quimica.ufg.br/up/426/o/BOURDIEU_Pierre._O_poder_simb%C3%B3lico.pdf Acessado em: 24/09/2023.

DORING, Katharina. Dona Nicinha de Santo Amaro e Dona Zelita de Saubara: matriarcas negras do Recôncavo Baiano. Em: *As bambas do samba: mulher e poder na roda*. Org. Marilda Santanna. Ed. 2, Edufba. Salvador, 2019. Acessado em: 24/09/2023.

_____. O samba da Bahia: Tradição pouco conhecida. Em *Ictus - Periódico da PPGMUS UFBA (Ictus Music Journal)*. vol5 n.5, dezembro de 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ictus/article/view/34238> Acessado em: 24/09/2023.

CONCEIÇÃO, da Costa Fernando. Cultura como alienação. In *Revista USP*, n. 69, 2006. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i69p60-71>. Acessado em: 24/09/2023.

WENDEL, Bruno. “Bahia em 1,3 festas e paredões encerrados em 3 meses”. Bruno. Em *Correio/Salvador*, 24/05/2021. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/salvador/bahia-tem-13-mil-festas-e-paredoes-encerrados-em-3-meses-0521> Acessado em: 24/09/2023.

GOMES, Francimária R.; ROSA, Laila. Os processos de protagonismo de mulheres negras no Recôncavo da Bahia: o samba de roda como mediador das relações cotidianas. In: *Anais do V Seminário PPGCS/UFRB*. Cachoeira, dezembro de 2015.

IMS, Museu da Imagem e do Som. *Raridades da coleção do Tinhorão: Há 120 anos, a primeira música brasileira gravada em disco*. Em: *Acervo José Ramos Tinhorão*, Portal Discografia Brasileira, site do IMS. Disponível em:

<https://discografiabrasileira.com.br/posts/244363/raridades-da-colecao-tinhoraio-ha-120-anos-a-primeira-gravacao-de-musica-brasileira-em-disco> Acessado em: 24/09/2023

JOSYARA. Nanã. Álbum “Mansa Fúria, 2018. Independente. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8YG0woIIoHk> Acessado em: 24/09/2023.

LABAN, Mariela da Silva Santiago. Apará: caminhos das epistemologias feministas negras na canção brasileira. Revista Observatório da Diversidade Cultural, agosto de 2022.

Disponível em: <https://www.academia.edu/85035865/BoletimV96N01Ago>

_____ *Essa tal felicidade: Pensamentos para lidar com a impermanência e perseverar no que nos faz bem.* Entrevista a Gilson Jorge. A Tarde. Em: Capa/Pensamento, ps. 2-3. Salvador, 26 de dezembro de 2021.

_____ Vozes negras da Bahia na MPB: construções identitárias de gênero, raça, e regionais no Jornalismo Cultural brasileiro. In Caderno de Programação e Resumos do Congresso Internacional Intersexualidades/ Interseccionalidades: Saberes e Sentidos do Corpo, p18. Salvador, setembro de 2018. Disponível em: [https://www.academia.edu/3687235/Intersexualidades Interseccionalidades saberes e sentidos do corpo](https://www.academia.edu/3687235/Intersexualidades_Interseccionalidades_saberes_e_sentidos_do_corpo) Universidade do Estado da Bahia septiembre de 2018

_____ “Ella”. Ella, Sony Music. 2015.

disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=wVW2Qz98Pbg&list=OLAK5uy_nQKHwy9f5BIY775JnkkX7HSYgphw77V8g Acessado em: 24/09/2023.

_____ ”Danado na Cor”. Ella, Sony Music, 2015. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=C-TZHtrl3zE> Acessado em: 24/09/2023.

LUNA, Luedji. Um corpo no mundo. Um corpo no mundo. YB Music, 2017. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luedji-luna/um-corpo-no-mundo/> Acessado em: 24/09/2023.

NEDER, Álvaro Simões Corrêa; Diniz, Julio Cesar Valladão. O Enigma da MPB e a Trama das Vozes. Rio de Janeiro, 2007. 487p. Tese de Doutorado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

NUNES, Suede. “Reflexo”. álbum. “Travessia”. Independente, 2021. Disponível em:

<https://open.spotify.com/intl-pt/track/3UFMmp4UwLVOxroeFJ8xjL?si=eff5410965784f21>

Acessado em: 24/09/2023.

_____ “Destino”. Single, independente. 2023. Disponível em:

<https://open.spotify.com/intlpt/album/1xJTX41gLANWdG6W0gLkw2?si=S8hBaaaGSpSz2gOOor7YOO> Acessado em: 24/09/2023.

UH GUETO. “De quatro”. Single. Youtube, 2023.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C-Cq6DXt6aE> Acessado em: 24/09/2023.

ULHÔA, de MT - Pertinência e música popular—em busca de categorias para análise da música brasileira popular. Cadernos do Colóquio, Rio de Janeiro, 2000.

UNESCO. Creative Cities Network FAQs. Disponível em: https://en.unesco.org/creative-cities/sites/default/files/doc.1-faqs_0.pdf

UNESCO. Creative Cities Network. In Salvador/Music/About the Creative City. Disponível em: <https://en.unesco.org/creative-cities/salvador>. 22 de setembro de 2021. Acessado em: 24/09/2023

WERNECK, Jurema. O samba segundo as Ialodês: mulheres negras e a cultura midiática. 134 e 154. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Comunicação, ECO UFRJ. Rio de Janeiro, 2007.